

TEOFANIAS CRISTOLÓGICAS: MILAGRES E SANTUÁRIOS NO ALTO E BAIXO MINHO

João Francisco Marques*

Os lugares de culto, que o associativismo devoto de irmandades e confrarias erge e mantém, as curas surpreendentes e a resposta a todo o género de necessidades urgentes e cataclismos inopinados são testemunhos do esperado auxílio divino que se implorou e em que se confia. A sua multiplicação em áreas geográficas distintas deve-se ao mimetismo fomentado pela tradição oral e ao contacto das culturas regionais, da mobilidade de devoções e do proselitismo católico, na metrópole e no outrora ultramar português. Caberá a uma metodologia crítica afim, a aplicar na recolha dos *corpus* documentais e nas análises perspectivadas, todo esse trabalho científico indispensável.

A fé e o imaginário do povo crente e crédulo nunca deixam, tarde ou cedo, de sacralizar um acidente topográfico que passa a ser objecto de devoção. As lendas religiosas em seu redor logo se geram, a testemunhar o motivo do irreversível carisma que atrai fiéis de perto e devotos e curiosos de sempre mais longe, romeiros a pé ou de joelhos, em caminhadas de jejum e de silêncio. Radicam-se assim as tradições legendárias de um lugar venerado por sacro, pólo de culto e arreigada fama.

Conta a região nortenha de Entre Douro e Minho santuários de multi-secular existência, outros tantos focos de devoção à Santa Cruz, insígnia maior do mistério da Redenção, dogma em que assenta a religião cristã. Signo bento que iconograficamente aparece em infindas e desvairadas representações, sagrado talismã que, por fé ou supersticiosa crença, imensa gente consigo traz. O gestual traço desenhando a cruz assinala o acto de persignar, abençoar e esconjurar, comum nos ritos individuais e litúrgicos. Desta forma, a Cruz, memória do Cristo sofredor e fraterno, se encontra e vai a todo o lado.

A lenda hagiográfica e teofânica são pias homenagens de reconhecimento à intercessão dos santos e à onipotência divina. O recorte maravilhoso que polvilha o le-

* Professor da Universidade do Porto, membro do IHM-UP, especialista nas áreas da História Religiosa, História Social, Parenética Portuguesa Poder Eclesiástico e Implantação Regional. Publicou, entre outras obras: *Os Limites do Arcebispado Bracarense Através dos Tempos*, Coleção Trabalhos e Documentos, 11 (Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal – Aquitânia, 1999) *A Arquidiocese de Braga na Evangelização do Além-Mar*, 5 Séculos de Missionaçõ e Encontro de Culturas (Braga, Cabido da Sé Metropolitana / Universidade Católica, 2002).

gendário narrativo é sinal do transcendente que motiva e justifica a importância dos cultos populares, cristológicos, marianos e dos santorais na história da piedade cristã.

Antiquíssima é a veneração da *vera cruz* onde se conjectura que Jesus de Nazaré houvesse sido supliciado, a partir do momento em que Santa Helena, mãe do imperador Constantino, a terá encontrado na colina do Gólgota, em que os evangelhos referem haver-se consumado a sua execução. No calendário litúrgico, duas festas são dedicadas à celebração do símbolo maior do cristianismo: a «Invenção da Santa Cruz», a 3 de Maio, e a «Exaltação da Santa Cruz», a 14 de Setembro. Se ambas parecem assinalar eventos diferentes, verdade é que se unificam pela mesma piedosa veneração.

Filia-se a origem da primeira numa tradição que atribui a vitória do imperador romano do ocidente, Constantino, alcançada em 312 sobre o seu colega e adversário do oriente, Maxêncio, graças à cruz que lhe haveria aparecido no céu, quando ia a caminho do campo de batalha¹. Agradecida a Deus por tão espectacular prodígio, Santa Helena ter-se-ia dirigido no ano 320 a Jerusalém para achar a verdadeira cruz de Cristo, no lugar onde se dizia que os romanos tinham erguido à deusa Vénus uma estátua de mármore. Limpo o local e escavado o chão, narra a legenda do facto que encontraria profundamente enterradas três cruzes e, não distante, o letreiro com o motivo da condenação de Jesus que fora pregado no madeiro. Então observaria um miraculoso sinal, a fim de reconhecer quais das três cruzes ostentara a inscrição. O bispo da cidade, Macário de seu nome, dirigiu a Deus fervorosa prece e levou uma mulher gravemente enferma a tocar cada uma, verificando-se que só da terceira lhe viera cura imediata. Em seguida, Santa Helena mandou construir uma magnífica basílica em que colocou um pedaço do madeiro sagrado num relicário de prata. A parte restante com os cravos que teriam mantido o Cristo suspenso na cruz enviou-os a seu filho Constantino, tendo sido depositados na Igreja de Santa Cruz de Jerusalém, construída na cidade de Roma. O imperador promulgou, a seguir, uma lei a proibir que fosse aplicada a pena da cruxificação². Daí por diante, ter-se-iam espalhado pela cristandade pedacinhos do santo lenho que passaram a ser guardados e expostos como preciosíssimas relíquias. Bem cedo, a celebração da *Inventio Sanctae Verae Crucis* teve seu dia litúrgico em 3 de Maio. Por sua vez, a Exaltação da Santa Cruz (*In Exaltatione Sanctae Crucis*), cujo profundo sentido é a glorificação daquele signo cristão da redenção da humanidade, passou a ter lugar em 14 de Setembro, data em que primitivamente esta festa da «Invenção da Santa Cruz» estava ligada à da dedicação do Santo Sepulcro de Jerusalém³. A partir do século VII, o dia 3 de Maio, em que, no ano de 630, o Imperador Heráclio entregou ao papa Zacarias a Santa Cruz que os persas haviam restituído, foi o escolhido para a celebração litúrgica do achamento ou *Inventio Sanctae Verae Crucis*.⁴ De notar que a legenda da Santa Cruz se insere, desde a sua remotíssima origem, num contexto religioso com evidência para o referente a um chão cavado ou a uma pequena elevação, onde aparece a cruz de madeira ou, ao menos, o seu esquisso traçado na terra, independentemente de outras manifestações hierofânicas acompanharem o prodígio, sempre tido

1 Cf. Pierre ALBERS/ René HEDDE, *Manuel d'Histoire Ecclésiastique*, nouvelle édition, revue par Paulin Joëut, t.1, Paris, Librairie Lecoffre et Gabalda, 1939, p.46.

2 Cf. Pius PARSCH, *Le Guide dans l'Année Liturgique*, t.III, Mulhose, Editions Salvator, 1954, p.347.

3 Cf. *Ibidem*, t.V, 1954, p. 237-238.

4 Cf. *Ibidem*, p.238.

por sobrenatural. A descoberta desses signos torna-se então historiável, bem como a devoção que motivam, realidades concretas e factos de mentalidade, com suas dimensões antropológicas e sociais. O rigor científico deve então intervir metodologicamente na distinção do verdadeiro e do lendário, do religioso e do folclórico. Só que, para o crente, o maravilhoso é a chancela do sobrenatural. Por isso, parafraseando uma consabida expressão, há, nos milagres da cruz, o milagre da cruz da história e o da fé.

Atendo-nos apenas ao que a Portugal respeita, e ao percorrer-se, por exemplo, esse famoso florilégio informativo seiscentista que é o *Agiolégio Lusitano* do P. Jorge Cardoso, infelizmente deixado inconcluso a pouco mais de metade da materialização do projecto⁵, encontra-se aí exaustivo registo de milagres da cruz ocorridos no território metropolitano e nas ilhas adjacentes, regiões da Mauritânia a Cabo Verde, e nas do Brasil às da Índia, como em outras paragens do outrora além-mar português⁶.

Considerada a região a norte do Douro, deparam-se além dos casos da freguesia de S. Nicolau da cidade do Porto, do distrito de Bragança e das terras de Miranda, os de Bouças-Matosinhos, do Bom Jesus de Braga, de Fão, de Barcelos e de Balazar, concelho da Póvoa de Varzim, que se passam a analisar. No entanto, haverá o intuito de se procurar ressaltar os aspectos que roçam a antropologia cultural e a sociologia religiosa. As edificantes referências do P. Cardoso, tocadas de óbvio panigirismo pietista, de harmonia com a literatura coeva afim, tornam compreensiva a sua frontal confissão: tais particulares manifestações fê-las Deus para «espertar a devoção e promover a piedade do reino de Portugal, obrando em diversas partes dele frequentes milagres por meio de algumas imagens de seu Unigénito Filho, para delas se valer em suas urgentes necessidades, mostrando nisto, a divina providência sua imensa, e infinita bondade, pois por modos não esperados, e ininteligíveis, trouxe muitas a ele para refúgio, e amparo seu».⁷

Dentre todos, o santuário mais imponente que a devoção à cruz ergueu no Alto e Baixo Minho é o do Bom Jesus do Monte, sobranceiro a Braga, cujo arranque se enreda em lendária tradição. Aqui a origem do culto não envolve hierofania alguma. Reza a narrativa, correntemente aceite, que «ignota e piedosa» mão, que se nos afigura bem poderia ser de pastor ou guardadora de gado, em data incerta, mas sempre na média idade, teria implantado no cabeço do lugar de Espinho, fronteiro à cidade primaz, uma cruz de porte desconhecido⁸. De seguro, atesta o investigador Alberto Feio, deve ter-se que a história da origem e desenvolvimento do culto aí prestado é deveras antiga. Com efeito, «na primeira metade do século XVI uma cruz soía de estar acima do chão do monte, na meia encosta ocidental, lugar que a piedade aproveitara, centenas de anos

5 Saíram, dentro do plano inicial três tomos em 1652, 1657 e 1666, ficando o último pelo fim do mês de Agosto. Apareceu um quarto tomo, em 1744, elaborado por D. António Caetano de Sousa.

6 Ver Jorge CARDOSO, *Agiolégio Lusitano*, estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes, t.V, Porto, edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, p.119-121. Utilizamos esta edição, modernizando a ortografia, como, aliás, em todos os casos de outras fontes a seguir citadas.

7 Cf. *Ibidem*, III, p.625.

8 Ver Fernando CASTIÇO, *Memória Histórica do Santuário do Bom Jesus do Monte subúrbios de Braga*, Braga, Typographia Camões, 1884, p.7-9.

atrás, para levantar a Ermida da Santa Cruz», sem dúvida nos primórdios do século XIV já existente⁹. Há, na verdade, nos estatutos da Irmandade da Trindade da cidade de Braga, datados de 1373, um *ordinação* a impor aos confrades a obrigação de irem à Ermida da Santa Cruz, no dia de S. João do mês de Maio, «para exaltamento da Santa Vera Cruz de Jesus Cristo», obrigação, aliás, que os irmãos cumpriam para além de quatro décadas¹⁰. Esta festa litúrgica, instituída pelo papa e mártir S. João I, cujo breve pontificado ocorreu do ano 523 a 526, marcado pela difusão do culto dos mártires, tinha lugar a 27 de Maio¹¹. A braços com a resistência dos arianos do ocidente, cristãos cismáticos que gozavam da protecção do rei ostrogodo Teodorico, dirigiu-se o pontífice a Constantinopla, ao encontro do imperador Justino II, a pedir auxílio. Ao regressar, foi atraído a Ravena por Teodorico, que o mandou prender, acabando, a 18 de Maio de 526, por morrer de fome. Transportado o seu corpo para Roma, na Igreja de S. Pedro encontra-se tumulado¹². A devoção praticada pelos irmãos da Santíssima Trindade, a qual os obrigava a palmilhar caminhos íngremes, consistia em ouvir uma missa na dita ermida à luz de velas e doze círios¹³. O, na altura, deão do cabido bracaraense, criatura protegida por D. Jorge da Costa, o célebre cardeal Alpedrinha, recebeu a ermida por incorporada no benefício canónico de Tenões que *in perpetuum* lhe pertencia¹⁴. Em 1522, o eclesiástico promoveu a construção do novo templo, tendo à sua morte caído em declínio. Por volta de 1629, a piedade de um grupo de “modestos bracaraenses” restaurou o culto e conseguiu a aprovação diocesana para os novos estatutos da irmandade, agora sob a invocação de Bom Jesus do Monte, que acabou por se impor, relegando a primitiva designação de Santa Cruz para completo desaparecimento¹⁵. Acorreram então os romeiros e cresceu o zelo dos confrades da restaurada irmandade, daqui nascendo o primeiro santuário. Conforme historia Alberto Feio, abriu esta última «caminhos na montanha, aqui e além, orlados de minúsculas ermidas, onde os Passos da tragédia cristã se representam, em ingénua mas cativante figurado, canaliza águas perdidas e alça a primeira fonte ornamental; edifica albergues para conforto de romeiros e levanta paredes para amparo dos adros; e com estas e outras benfeitorias, a concorrência de devotos afluí, transmutando o sítio ermo numa das mais pomposas devoções da província». Foi este conjunto de raro porte ao depois chamado de “Nova Jerusalém”¹⁶.

A luta, porém, desencadeada nos inícios do século XVIII, entre os poderes eclesiásticos do deado e da cúria arcebispal para controle da irmandade, fez com que o monte-sacro do Bom Jesus entrasse em declínio¹⁷. Rarearam as esmolas, a ruína se abateu sobre as ermidas e a igreja. Ao primaz D. Rodrigo de Moura Teles se deve a apro-

9 Cf. Alberto FEIO, *Bom Jesus do Monte*, Braga, Edição do Santuário da Confraria do Bom Jesus do Monte, 1930, p.21.

10 *Ibidem*, p.21-23.

11 Cf. Pius PARSCH, *op.cit.*, t.III, p.385.

12 *Ibidem*.

13 Cf. Alberto FEIO, *op.cit.*, p.22.

14 *Ibidem*, p.27-28.

15 *Ibid.*, p.29.

16 *Ibid.*, p.35.

17 *Ibid.*, p.36-37.

vação de novos estatutos, em Julho de 1722, tendo o mesmo aceite ser o juiz da irmandade que acarinhou até terminar o seu governo da arquidiocese¹⁸. Renasceu, no entretanto, um santuário cada vez mais imponente e a sua configuração actual passou a ganhar forma, no pórtico e nas capelas ao longo do escadório numa via-sacra artística da paixão de Cristo, tudo construído no decorrer do governo dos arcebispos sucessores¹⁹. Os papas Clemente XIV e Pio VI cumularam de graças o novo templo, tendo o prelado D. Gaspar de Bragança mandado esculpir em Itália a imagem do Crucificado, hoje no calvário da capela-mor, se bem que as oferendas votivas continuassem a ser depositadas aos pés do antigo Bom Jesus, «afiltiva escultura, venerada numa pequena quadra do lado Norte da igreja»²⁰. A este arcebispo se deve a escolha do sítio onde se ergue o actual templo, cuja traça pertence ao arquitecto Carlos da Cruz Amarante, sendo a primeira pedra lançada em 1 de Junho de 1784 e, em 1811, dado por terminado²¹. Estava de pé o maior santuário de peregrinação consagrado a Cristo crucificado, pólo de romagem de concorridíssimas afluências de fiéis e visitantes. De mãos dadas, o religioso e o turístico jamais cessaram de crescer. Assim, a devoção ao Bom Jesus do Monte espalhada pelo mundo luso, com saliência para o Brasil, tem eloquente testemunho tanto nos milagres que os ex-votos de gente do mar e da terra assinalam, como nas avultadas esmolras recolhidas e nas doações testamentárias de generosos benfeitores²². Este caudal, que ainda não parou de correr, mostra bem a crença no poder sobrenatural da Cruz redentora, cujo símbolo foi aqui erguido por mão ignota, na baixa idade média, na colina de Espinho sobranceira à urbe bracarense.

É curioso que, tipologicamente, se assemelha por inteiro ao acabado de descrever o sucedido em Goa, na era de quinhentos. Pedro da Silva, natural de Cananor e cirurgião da armada, disse ter visto no lenho erguido ao pé do monte da Boa Vista, sítio na paróquia da Luz da cidade goesa, na manhã do segundo sábado da Quaresma dos inícios do século XVI, a figura de Jesus crucificado, como os pintores a representam, havendo observado que, de costas para o aglomerado urbano, a imagem voltou-se duas vezes para a cidade num terno olhar de clemência. Regressou o vidente à igreja a contar o acontecido. Alguns nobres de Goa, com ordem do arcebispo D. Cristóvão de Lisboa, foram então até ao lugar da cruz e desencavaram-na do pedestal, transportando-a para o templo. Durante os dias seguintes, muitos curiosos tiraram terra do buraco aberto e lascas do madeiro, conservando-as como preciosas relíquias que, ao serem tocadas, restituíam a saúde a «doentes de incuráveis enfermidades, males asquerosos e cegos de nascença»²³. Acabaram os naturais por depositarem a Santa Cruz do Bom Jesus de Goa na capela do Sacramento. Mais tarde, forrada de veludo carmezim, colocaram-na no altar-mor do templo que, sob a invocação da Santa Cruz, foi erguido no

18 *Ibid.*, p.41-43.

19 *Ibid.*, p.45-90: Fases e descrição arquitectónica do monumental monte-sacro.

20 *Ibid.*, p.93-95.

21 *Ibid.*, p.99-101.

22 Ver «Lista dos Bemfeitores do Real Santuário falecidos desde 1860 a 1883», in Fernando CASTIÇO, *op.cit.*, p.1-14.

23 Ver Jorge CARDOSO, *op.cit.*, III, p.44-45.

sítio onde estava o pedestal, e ali passaram a acorrer, ao longo do ano, muitos crentes a «pedir-lhe remédios para as suas urgentes necessidades»²⁴.

Algo idêntico respeita também à cruz venerada em S. Tomé de Meliapor, terra que fazia parte da Índia portuguesa. Reza a tradição lendária, a correr naquelas paragens, ser esta precisa cruz, “antiga e misteriosa”, aquela diante da qual o Apóstolo S. Tomé estava absorto em contemplação, quando fora «alanceado pelos idólatras brâmanes». Esculpida com arte, «em fino mármore branco, borrifada com alguns pingos de sangue», no dia litúrgico da invenção da santa cruz, torna-se este «tão fresco e vivo» que, ao se lhe chegar um lenço fica por completo manchado. A legenda hagiográfica acrescenta, ainda, pormenores mais prodigiosos. O seu aparecimento deu-se no governo do famoso vice-rei D. João de Crasto que promoveu a sua colocação no templo erguido, sob a invocação de S. Tomé, no local onde se crê haver o santo sofrido o martírio. No dia da primeira missa ali celebrada, que era o da festa da expectativa de Nossa Senhora, 17 de Dezembro, ao cantar o diácono o evangelho, mudou «a Santa Cruz de cor, trocando a branca que tinha de sua natureza, em amarela, logo em negra, e depois em azul celeste, e assim como ía fazendo estas mudanças, começaram a destilar sangue aquelas nódoas vermelhas». A descrição é do P. Jorge Cardoso em sua citada obra²⁵.

Passando à devoção do Bom Jesus de Vera Cruz de Barcelos, cuja origem de sua teofania remonta ao início do século XVI, tudo se deve ao fenómeno geológico sucedido no chão barrento do centro da antiga vila condal e ao dinamismo da irmandade da dita invocação, fundada na sequência e mercê do religioso evento. O prodígio telúrico consistiu no aparecimento de uma cruz de nítida terra preta, aberta na crosta barrenta do rocio da cidade, actual campo da Feira, no exterior do recinto mulharado, a 20 de Dezembro de 1504, uma sexta-feira, dia dedicado à Paixão do Salvador²⁶. Descobriu-o, conforme documento público do mesmo ano, autenticado e à guarda da Câmara, um pastor ou, segundo outra versão, um sapateiro de nome João Pires, que vindo da ermida do Espírito Santo, implantada «fora dos muros, onde acabara de ouvir missa das chagas de Cristo, olhando para o sítio que ocupa hoje no rocio a do Bom Jesus, viu uma perfeita Cruz, formada de sombra na superfície da terra»²⁷. De traça bem proporcionada, segundo o descritivo do *Agiológico Lusitano*, fonte que estamos a seguir, «tinha de alto três côvados e meio, na travessa dois e três quartos, e de largo um palmo, com tanta igualdade e perfeição, como se fora ao pincel» pintada. À fama, acorreu muita gente da comarca. Logo assentaram os moradores, escreve o P. Jorge Cardoso, «que se levantasse naquele ditoso sítio uma Ermida intitulada da Santa Cruz, em memória de tão soberana maravilha»²⁸. Balisado o lugar, colocou-se ali uma cruz sobre um arco de pedra e a devoção dos fiéis impulsionou de imediato a fábrica da capela. Prossegue a legenda, saturada de maravilhoso, para o povo o condimento do sobrenatural, «que no

24 *Ibidem*, p.45.

25 *Ibid.*, p.43-44 e 60.

26 *Ibid.*, III, p.42-43 e 57-59. Ver o teor da «Certidão da Acta do Milagre da Cruz», in Carlos Alberto Ferreira de ALMEIDA, *Barcelos*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p.22-23. A propósito, descreve o autor: «Conhecem-se, pelo menos, duas diferentes certidões notariais de uma primitiva nota de tabelião que fora redigida pouco depois do evento, onde se registava e certificava a maneira como se revelou e foi testemunhado este milagre». *Ibid.*, p.21 e Jorge CARDOSO, *op.cit.*, III, p.58-59.

27 *Ibid.*, p.58.

28 *Ibid.*

fim do seguinte ano, indo certo tratante [mercador], natural da mesma vila a Biscaia, chegando a tempo que o mar havia lançado, naquelas praias, uma devota imagem de Cristo com a cruz às costas, ficou tão namorado de sua fermosura, que deu por ela quanto lhe pediram». E trazendo-a à pátria, a pôs na Capela da Santa Cruz, pelo que principiou a ser objecto de «grande devoção». À direita do sagrado edifício, continua o P. Cardoso, ficava aqueloutra cruz de terra, «da qual tiram muita, os peregrinos, que cheira suavemente» e se credita por infindos milagres. Mais: cada ano se repete o celebríssimo prodígio das santas cruces, umas ocasiões pela Quaresma e outras em sexta-feira santa, porém sempre em maior número de vezes nos dias da Invenção e Exaltação da Santa Vera Cruz. Aflui, na altura, gente de todo o Entre Douro e Minho a presenciá-lo²⁹. O próprio autor do *Agiológio Lusitano*, atraído pela curiosidade e devoção, esteve presente em Barcelos, a 3 de Maio de 1661, rubricando o seguinte testemunho, acompanhado da contra-prova experimental feita: «Vimos na véspera, sete ou oito Cruzes, e no dia (pela noite ser mui chuvosa) uma somente junto à fonte, que tinha catorze palmos de alto, oito de braço, e dois de título, com seu pé triangular, e de largo teria perto de palmo e meio, com tanta perfeição, que admirava. Ali fizemos bastantes experiências, tirando terra do meio dela, que sempre saiu cinzenta, e barrenta a do campo em circuito; as quais terras trouxemos separadas para mostrar e se conservam indo hoje do mesmo modo, sendo quando nós partimos às quatro horas da tarde, já se não divisava coisa alguma»³⁰. De verdade histórica, sabe-se que a imagem do Senhor da Cruz é obra de erudito escultor flamengo e a Santa Confraria da Vera Cruz do Bom Jesus de Barcelos data de inícios do século XVI – a era da grande difusão das confrarias dedicadas à Paixão de Cristo, a que o movimento espiritualista do norte europeu, conhecido por *devotio moderna*, deu poderosíssimo incremento³¹. Enriquecida pelas graças papais dispensadas por um breve de Paulo V, acolheu crescente número de confrades, oriundos de desvairadas proveniências geográficas³². E se, pela orla litoral, as invocações, as capelas e irmandades do Cristo dos mareantes se multiplicam, natural seria a do Bom Jesus de Barcelos, tão próxima da costa, registar soma apreciável de gente votada às lidas marítimas³³. Do *Livro de Milagres* do santuário, no auto lançado em 1627, consta o mais famoso deles, relativo ao salvamento da tripulação militar de uma nau fustigada pela tempestade no mar da Ilha Terceira, do arquipélago açoreano, que se viu sem mastros e leme, tendo por piloto um mestre de Miragaia, freguesia do Porto ribeirinho, o que fez crescer o número de devotos dali proveniente³⁴. Contam-se por centenas, das praias de Matosinhos, Leça, Azurara, Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Fão, Esposende, Darque, Viana e Caminha até Valença, os confrades registados, ao lado de outros muitos do centro e sul do país, do Brasil e além-mar³⁵. A devoção ao Bom Jesus de Barcelos continuou a expandir-se. Patenteia-o o belo templo barroco terminado em 1710 e sempre artisticamente enriquecido de altares e ornamentos

29 *Ibid.*

30 *Ibid.*, p.59.

31 Cf. Carlos A.F. de ALMEIDA, *op.cit.*, p.61-62.

32 *Ibidem*, p.24.

33 *Ibid.*

34 *Ibid.*

35 *Ibid.*

decorativos, mercê dos donativos de fiéis e benfeitores³⁶, a testemunhar um culto que se mantém, a par de motivações folclóricas, nos dias das cruzeiras, que atraem o povo em redor, como romeiros e visitantes de variados locais do país e estrangeiro³⁷.

Curiosas analogias há entre este prodígio de Barcelos e os afins de Bouças-Matosinhos e o de Balhelhas, localidade próxima da Guarda, quanto às circunstâncias do achamento das imagens da Cruz e do crucificado. No caso de Balhelhas, narra o P. Jorge Cardoso, em seu descritivo impressionista, que a escultura do Bom Jesus, de quase meio côvado e “magesoso” aspecto, que se vê numa cruz de prata sobre o sacrário da capela-mor da igreja do antigo convento franciscano, fora encontrada milagrosamente por um piedoso pastor que apascentava os rebanhos nos vales e ásperas terras em redor. Ao vê-la deitada numa lapa, não conseguia, por mais tentativas feitas com seu cajado, desviar dela os animais. E tanto bastou para o templo onde se encontra ser transformado em centro de romagem por muitos crentes que o demandam no decurso do ano, «a cumprir seus votos e novenas³⁸».

Por sua vez, refere a mesma fonte hagiológica, no litoral matosinhense, no lugar de Bouças, foi «achada coberta de limos [...], para amparo, e asilo de todo entre Douro e Minho», uma escultura de Cristo crucificado no meio de uns penedos do «misterioso sítio do Espinheiro, mui conhecido dos pescadores desta costa, pelos milagrosos efeitos que cada dia ali experimentam, pois quando o mar se enfurece e altera com tempestade, formando medonhas serras de água, vendo-se no profundo do mar submergidos, tratam de buscar terra pela mesma via por onde o Bom Jesus saiu a ela. E alcançada, por mais tormenta que haja, não consta que até agora perigrasse algum. Tendo tanta fé os Pescadores neste lugar, que o têm por sagrado, servindo-lhe de baliza uma fermosa Cruz de pedra, aonde o povo e o clero vão a 3 de Maio em procissão³⁹». De nove palmos de alto e oito de braço a braço, esta imagem, que se encontra no suntuoso altar da igreja – a de hoje uma construção do risco barroco de Nicolau Nasoni –, seria uma das duas esculpidas que a legenda pia atribui a Nicodemos, o discípulo oculto de Jesus, dadas a praias, ao presente, portuguesas⁴⁰. A outra, permita-se a divagação, é a de *Águas Celenas*, actual vila de Fão, outrora terra «de gente pobre e miserável que vivia do barco e rede», venerada na ermida que lhe edificou a comunidade rural e piscatória que nestas duras fainas procurava o sustento⁴¹. Na festa do Bom Jesus de Bouças, no segundo domingo do Pentecostes, onde em 1661 se encontrou o presbítero Jorge Cardoso, viu o próprio reunidas mais de 20 mil almas⁴². Este Cristo crucificado seria assim a mais antiga escultura do género conhecida de Portugal, tendo sido arrojada à praia, pelo enfiamento da penedia acima referido, sem um braço que a braveza do mar lhe havia arrancado. Reza a pia legenda, saturada de maravilhoso, aroma habitual destas edificantes narrativas, que foi a imagem achada «por meio de uma pobre mulher, a quem a necessidade obrigava a mendigar marisco e lenha pela

36 *Ibid.*, p.24-28 e 63-65.

37 *Ibid.*, p.87.

38 Ver Jorge CARDOSO, *op.cit.*, III, p.583-584.

39 *Ibidem.*, p.626.

40 *Ibid.*, p.615 e 626.

41 *Ibid.*, p.627.

42 *Ibid.*, p.626.

praia», para «se sustentar e aquecer». Trazendo-a para casa, verificou que saltava do fogo e não ardia. Contou o facto à vizinhança que correu à praça a divulgar a notícia de ter aparecido o braço que, se lhe encaixando, de imediato se uniu e «divinamente pegou de forte»⁴³. A devoção à milagrosa imagem tornou o santuário do Bom Jesus de Bouças um dos mais concorridos do país, celebrado pelas muitas graças que os fiéis ali impetram e vêem atendidas.

Por fim, merece particular menção, até pela estreita similitude com o prodígio das cruzes de Barcelos, outra idêntica hierofania crucífera, embora de mais modesto impacto e três séculos mais recente. Ocorreu o caso na freguesia de Santa Eulália de Balazar, do aro concelhio da Póvoa de Varzim, de cujo depoimento canónico, apresentado pelo pároco da altura ao Vigário Capitular de Braga, se resume, quanto ao essencial, ao seguinte: no dia do Corpo de Deus, 22 de Junho de 1832, «indo o povo da missa da manhã, em um caminho que passa no monte Calvário divisaram uma Cruz descrita na terra: a terra que demonstrava esta cruz era de cor mais branca que a outra; e parecia que tendo caído orvalho em toda a mais terra, naquele sítio que demonstrava a forma da Cruz, não tinha caído orvalho algum»⁴⁴. Varrido o pó em volta, continuou a aparecer a mesma cruz. Lançou-se abundante água tanto na cruz como na terra em redor «e então a terra que demonstrava a forma de Cruz apareceu de uma cor preta, que até ao presente (6 de Agosto de 1832) tem conservado». A aste da cruz era de 15 palmos de comprimento e a travessa de oito, sendo que, conforme o referido testemunho, nos dias turvos se divisava com clareza «a forma da Cruz em qualquer hora do dia e nos dias de céu claro vê-se muito bem a forma da cruz de manhã até às nove horas; e de tarde quando o sol declina mais para ocidente e no mais espaço do dia não é bem visível»⁴⁵. Os fiéis principiaram a procurá-la, venerá-la e adorná-la com flores, deixando esmolas. Alguns crentes por meio dela imploravam auxílio. As pessoas do interior rural, onde a aldeia se situa, trouxeram em busca de cura animais doentes ou a invocavam para conseguirem achá-los, se perdidos, e que lhe fossem restituídos, se roubados⁴⁶. Assim acontecia com as gentes das paróquias vizinhas e de perto. Nos domingos e dias santos, acodem pessoas de muito longe que faziam «romarias de pé ou de joelhos de volta» e lhe deixam esmolas⁴⁷. O povo da freguesia logo se movimentou para construir uma capela no sítio, que acabou por ser levantada, e pintou uma Cruz com a imagem de Jesus crucificado⁴⁸. Tábuas votivas surgiram, agradecendo os milagres com que os crentes eram contemplados⁴⁹. O prelado diocesano indulgenciou com 40 dias quantos rezassem de joelhos diante do registo onde figurava o Crucificado e aos pés a Virgem das Sete Dores, sendo zeloso promotor do culto Custódio José da Costa, homem de respeito da freguesia, que reivindica haver sido «o primeiro» a quem o apare-

43 *Ibid.*, p.615.

44 Ver Leopoldino Rodrigues MATEUS, «*Santa Eulália de Balazar*», in *Boletim Cultural Póvoa de Varzim*, vol.II, n.º1 (1959), p.9.

45 *Ibid.*, p.9-10.

46 *Ibid.*, p.10.

47 *Ibid.*

48 *Ibid.*, p.10-20.

49 *Ibid.*, p.23, 26-27,31.

cimento daquela Cruz se patenteou⁵⁰. Em 1840, a junta da paróquia deliberou que «se fizesse uma casa pegada no adro da Santa Cruz para os milagres [ex-votos] e todos os cómodos»⁵¹. Conseguiu a mesma ver os “Estatutos da Confraria do Senhor da Cruz Aparecida” hierarquicamente aprovados⁵². O primitivo oratório datado de 1833 deu lugar a mais espaçosa construção, erguida «por causa da grande afluência de devotos» que foram aumentando sobretudo no dia da festa principal sempre precedida de novena⁵³. Na véspera, tinha lugar um «arraial com barracas e fornos ambulantes para os forasteiros». Porém, como de noite se praticassem graves desmandos que levavam a autoridade do concelho a intervir, acabou na década de 1920 por desaparecer⁵⁴. Entre os romeiros das localidades vizinhas, contavam-se os pescadores poveiros que gravavam as suas siglas ou marcas de família na porta da ermida, abrindo-as à navalha⁵⁵. A capela e o culto, sempre com acorrência de devotos, prevalecem, ainda que esta última acuse bem mais diminuto número.

Por tudo que atrás fica, forçoso será reconhecer que a Paixão de Cristo toca mui fundo a afectividade dos fiéis e, em especial, a gente simples e sofredora. Isto bastaria para que uma tal humanização do divino se tornasse mais próxima da condição dos mortais que se debatem, no quotidiano, com ameaças e perigos múltiplos, vindos da natureza agressiva e da perversidade dos homens. Sendo a cruz o símbolo maior de tão íntima identificação, a espiritualidade cristã tornou a imitação de Jesus no caminho doloroso do calvário um meio eficaz de ascese, e a meditação dos passos da via-sacra outros tantos objectos propícios a imaginosas contemplações místicas. A torrente variadíssima de aparições da cruz e de Cristo crucificado, que o legendário devoto regista, atribuídas à piedade popular, com peso esmagador no decurso das idades média e moderna, mostra quanto elas se aproveitam da envolvência de fenómenos naturais. A sua multiplicidade em áreas geográficas distintas deve-se ao mimetismo fomentado pela tradição oral e ao contacto das culturas regionais, da mobilidade de devoções e do proselitismo católico, na metrópole e no outrora ultramar português. Os factos geológicos, as práticas e os imaginários folclóricos servem de alimento a crenças que uma fé religiosa emotiva venera e exalta, tomando-os por prodígios sobrenaturais. Os lugares de culto, que o associativismo devoto de irmandades e confrarias ergue e mantém, as curas surpreendentes e a resposta a todo o género de necessidades urgentes e cataclismos inopinados são testemunhos do esperado auxílio divino que se implorou e em que se confia. Caberá a uma metodologia crítica afim, a aplicar na recolha dos *corpus* documentais e nas análises perspectivadas, todo esse trabalho científico indispensável. A antropologia cultural, a psicologia colectiva, a história das mentalidades e a sociologia proporcionam horizontes fecundos, para se penetrar nos labirintos e arcanos da alma humana em seu caminhar terreno impulsionada pela fé religiosa, como este percurso panorâmico, através da devoção popular à cruz de Cristo, tenta mostrar.

50 *Ibid.*, p.19.

51 *Ibid.*, p.25-26.

52 *Ibid.*, p.27-29.

53 *Ibid.*, p.35.

54 *Ibid.*, p.36.

55 *Ibid.*